I Festival Internacional do Dia do Refugiado

Um relato etnográfico

Rafael Lomeu

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3181>

DOI: 10.4000/pontourbe.3181

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Rafael Lomeu, « I Festival Internacional do Dia do Refugiado », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3181> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3181

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

I Festival Internacional do Dia do Refugiado

Um relato etnográfico

Rafael Lomeu

“Me chamam de clandestino,
sem papel, imigrante,
refugiado, sem destino
Nunca pelo meu nome”

Ruivo Lopes

- 1 Este relato etnográfico faz parte de um esforço coletivo dos alunos da disciplina “Etnografias Urbanas: fronteiras, economias e afeto”¹ que, enquanto a Universidade de São Paulo encontrava-se em greve, foram para as ruas e colheram impressões sobre o cenário político brasileiro atual em diferentes espaços urbanos. Desta forma, articulamos o conhecimento construído em sala de aula, a partir das leituras dos textos e discussões, com a prática de cada estudante exercendo o fazer etnográfico.
- 2 A partir das considerações expostas acima, decidi participar do I Festival do Dia Internacional do Refugiado, que aconteceu no dia 19 de junho de 2016, na altura do número 190 da rua Álvaro de Carvalho, na região central da cidade de São Paulo. Antes de passarmos ao relato do festival, algumas considerações sobre o entorno da rua Álvaro de Carvalho podem nos ajudar a compreender o papel dessa região nas recentes mobilizações, inclusive contra a tomada de poder² pelo presidente interino Michel Temer.
- 3 A rua Álvaro de Carvalho estende-se da rua Martins Fontes à rua João Adolfo. A rua Martins Fontes é uma continuação da rua Augusta, por onde têm passado diversas manifestações de cunho político que, geralmente, iniciam o itinerário na Av. Paulista. Já a rua João Adolfo situa-se a poucos metros do Terminal Bandeira de ônibus e da estação Anhangabaú do metrô, servindo como rota de acesso dos manifestantes aos referidos terminal de ônibus e estação de metrô. Ademais, da extremidade sul do viaduto 9 de julho é possível avistar a Câmara Municipal de São Paulo, onde protestos com as agendas mais variadas acontecem. Finalmente, a cerca de um quilômetro de onde ocorreria o festival,

encontramos a Praça da República, 53, logradouro da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, local onde manifestantes também vêm se reunindo para protestar contra medidas tomadas pelo governador do Estado, Geraldo Alckmin. Em resumo, num raio de um quilômetro do local escolhido para o Festival ocorrem diversas manifestações que visam criticar desde as esferas municipal e estadual até a federal. Percebemos, no entanto, que os arredores do lugar onde ocorreu o festival foram marcados por pichações (Fig. 1 e 2) que não mencionam as esferas municipal e estadual, mas direcionam sua reprovação - ou apoio - à esfera federal.

Figura 1 - Viaduto 9 de Julho visto a partir da rua Álvaro de Carvalho

NO PARAPEITO DO VIADUTO, À DIREITA, LÊ-SE “DILMA FICA”.

Figura 2 - Parede sob o Viaduto 9 de Julho

Numa parede, embaixo do viaduto, lemos (da esq. para a dir.) “O PRÉ-SAL É NOSSO!!”, “#FORA TEMER” e “O GOLPE É GRINGO!!”.

- 4 Uma das possíveis interpretações da pixação “O GOLPE É GRINGO!!” é a pressuposição de que o imbróglio político em que o Brasil se encontra atualmente se deve a interesses de países estrangeiros, denunciando uma articulação transnacional que levou ao afastamento da presidenta Dilma Rousseff. Esta pixação ganha um significado especial no contexto do festival, já que este trata de como imigrantes e refugiados precisam se articular para expressarem suas próprias vozes na busca por direitos e, assim, influenciar as relações entre Brasil e outros países. Portanto, é plausível considerar a possibilidade de que as pichações foram feitas estrategicamente nesses determinados locais por conta do festival. Da mesma forma que não podemos descartar a hipótese de elas terem sido feitas mesmo antes da decisão de se usar esse espaço como sede do I Festival do Dia Internacional dos Refugiados. De qualquer modo, elas estavam lá no dia do festival e serviram como uma moldura para o palco, que se localizava embaixo do viaduto. Aliás, durante o evento, dois homens subiram as escadarias que dão acesso ao viaduto e estenderam a bandeira da Palestina, adicionando mais um elemento de cunho político à moldura do palco (Fig. 3).

Figura 3 - Outra perspectiva do Viaduto 9 de Julho

Bandeira palestina estendida no viaduto 9 de Julho durante o festival.

- 5 O festival foi organizado pela Frente Independente de Refugiados e Imigrantes (FIRI), que se apresenta como “uma plataforma que procurará um diálogo aberto dos coletivos e movimentos sociais de imigrantes e refugiados de São Paulo para que possam conquistar direitos políticos”³. Atualmente, a FIRI é composta pelo projeto Visto Permanente -

Acervo Vivo das Novas Culturas Imigrantes, o Grupo de Refugiados e Imigrantes Sem Teto de São Paulo (GRIST), a Equipe de Base Warmis - Convergência das Culturas, e o Movimento Palestina para TOD@S (MOP@T). Nesse sentido, a FIRI serviria como contraponto a instituições e organizações que, apesar de apoiarem causas semelhantes, são organizadas por pessoas que não necessariamente estão em situação de refúgio ou são imigrantes, portanto, podem atuar como “mediadoras da voz dos migrantes no Brasil, mas nem sempre uma ação de solidariedade deixa de ser uma ação de tutela e de silenciamento.”⁴.

- 6 O festival, além de ser o evento de lançamento da FIRI, foi organizado levando em consideração o Dia Internacional do Refugiado (20 de junho), criado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em 2000 com o intuito de “celebrar a força, a coragem e a resistência das pessoas que foram forçadas a deixar suas casas e seus países por causa de guerras, perseguições e violações generalizadas de direitos humanos”⁵.
- 7 Minha primeira incursão ao local do festival se deu pontualmente às 13:00 e, apesar do palco já estar montado com música tocando, que na verdade parecia ser passagem de som, o festival não havia começado. Carreguei comigo um caderno, onde registrei notas sobre o que observava e os principais pontos que surgiram nas conversas com alguns interlocutores, e um telefone celular, que serviu para fazer fotografias. Quando parei numa calçada, uma mulher de cerca de 60 anos se aproximou de mim e perguntou se eu fazia parte da organização e se eu sabia o que estava acontecendo. Respondi que não fazia parte da organização e falei o nome do festival. Ela, então, comentou ser um absurdo por conta da altura da música. Em seguida, a mulher me disse que morava nas redondezas e reclamou que na véspera havia tido outro evento num local próximo. A conversa terminou e eu entrei no Restaurante Al Janiah, onde circulavam algumas pessoas carregando fardos de bebidas e outros itens, enquanto outras preparavam o espaço, em que mais tarde seria montado um balcão com comidas e bebidas. Decidi deixar o festival que ainda estava por começar e retornei por volta das 14:15.
- 8 Ao retornar, algumas pessoas já circulavam pelo local, algumas sentadas sobre o meio-fio da calçada, outras em pé. Além disso, alguns comiam *shawarma* e bebiam cerveja. Apesar de nenhuma apresentação musical ao vivo ter começado ainda, a música continuava. Dentro do restaurante, já se formava uma fila de pessoas para comprar fichas, que poderiam ser trocadas por comidas do Congo, *shawarma*, *falafel*, ou bebidas como cerveja e uma extensa lista de cachaça. Ao lado do caixa, havia um conjunto de mesas dispostas uma ao lado da outra servindo como um balcão, por trás do qual eram preparados na hora alguns sanduíches e porções, ou eram servidos salgados e doces já prontos (Fig. 4).

Figura 4 - Interior do restaurante Al Janiah

Balcão onde eram vendidos sanduíches, salgados e outros tipos de comida.

- 9 Na calçada do restaurante, ao lado da porta, diversos artigos foram dispostos num conjunto de mesas. Dentre esses artigos, que estavam à venda, encontrava-se roupas e tecidos com motivos e padronagem característicos de alguns países africanos (como os que podem ser encontrados nas imediações da Estação República do metrô), além de uma camiseta com os dizeres “REFUGIADOS EU ME IMPORTO”. Enquanto eu observava esses artigos, percebi uma mulher, por volta dos 30 anos, distribuindo folhetos sobre a FIRI. Ao pedir um papel, ela me disse que era integrante da Frente, explicou que a importância do FIRI e do festival se fazia ainda mais saliente neste momento, já que a legislação federal existente é da década de 1980⁶ e o projeto de lei que está para ser votado⁷ corre o risco de ser preterido por conta da atual situação política brasileira. Vale pontuar que, nessa fala, a representante da FIRI deixou de considerar a “Lei do Refúgio” (nº 9.474/97), promulgada pelo país em julho de 1997.
- 10 Após a conversa, continuei caminhando e notei, às 15:00, cerca de 70 pessoas, número que subiu para cerca de 150 por volta das 15:30. Nesse horário, as apresentações musicais já haviam começado. Além de músicos e dançarinos provenientes do Congo, Bolívia, Colômbia, Haiti e Brasil, também houve apresentação de DJ, que tocava músicas entre shows, dança e declamação de poemas.
- 11 Ruivo Lopes, que publica seus textos em antologias literárias da cena marginal, periférica e independente⁸, leu alguns poemas de outros autores e um de autoria própria chamado “À Deriva”, cujo excerto serve de epígrafe deste relato. Ele também atuou como mestre de cerimônias, anunciando as performances que estavam por entrar no palco. Falou sobre o caráter independente do festival, que não contava com patrocínios e dependia de doações

dos participantes, tanto por meio do apoio financeiro quanto pela compra de comida, bebida e outros artigos à venda.

- 12 A apresentação do grupo colombiano foi marcada por música e dança e, durante certas músicas, as integrantes do grupo desceram do palco para dançar no asfalto, junto à plateia. Após um desses momentos, em que as integrantes seguravam lenços vermelhos e dançavam em roda (Fig. 5), elas voltaram ao palco e uma delas foi ao microfone. De acordo com ela, essa performance tinha o intuito de promover uma reflexão sobre os casos de violência contra mulheres e de estupro, que têm ocorrido no Brasil e na Colômbia. Ela, então, repetiu uma parte da letra da música “Connmigo, que nadie se meta” e traduziu para o português “Comigo, que ninguém mexa” e a plateia gritou, aplaudiu e assobiou em apoio. Ao término dessa fala, uma fotógrafa que estava no palco se aproximou do microfone e entoou “Fora Temer!”, que foi repetido pela integrante do grupo e por mais alguns membros da plateia. Vale notar que uma bandeira com essa mesma frase, que emergiu aos gritos esparsos em outros momentos, foi colocada sobre uma janela de frente à plateia, durante o festival (Fig. 5).

Figura 5 - Mulheres dançando

Grupo de artistas colombianas apresentam dança com objetivo de promover reflexão sobre violência contra mulheres. Bandeira “FOR A TEMER!” ao fundo.

- 13 Com o passar do tempo, notou-se uma maior concentração de pessoas, principalmente durante a noite, podendo-se estimar (grosseiramente) que os momentos mais movimentados agruparam por volta de 300 pessoas. A variação etária foi desde crianças de 1 ano (ou menos) acompanhadas de seus pais, até homens e mulheres de 70 anos. A tarde foi ensolarada, com temperatura amena por volta dos 19° C; ao cair da noite, a temperatura baixou para cerca de 14° C, mas ainda assim era possível ver pessoas que usavam camisetas - muitas vezes embaixo de uma jaqueta aberta - que carregavam

mensagens em clara alusão à situação política atual. Uma pessoa, por exemplo, usava uma camiseta branca com a frase “O PRÉ-SAL É NOSSO”, uma estampa da bandeira do Brasil e de uma torre de perfuração utilizada na extração de petróleo. Esta mesma pessoa usava uma calça em que uma perna estava estampada com o rosto do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e a outra com o rosto da presidenta Dilma Rousseff. Foi visto, também, outra pessoa com uma camiseta onde se lia “Nada a Temer”, e ainda uma outra com uma camiseta com os dizeres “Lutar sem TEMER jamais”.

- 14 Detenho-me, agora, sobre algumas conjecturas a respeito dos jogos de palavra a partir da ambiguidade presente no termo “Temer” no uso dessas camisetas. Enquanto verbo, este termo pode ter diversos sentidos⁹, dentre eles destaco dois: (1) “sentir medo ou temor de; recluir”; (2) “dedicar profundo respeito e obediência a”. Logo, as camisetas com dizeres como “Nada a Temer” e “Lutar sem TEMER jamais” se valem do fato do sobrenome do presidente interino ser Temer para se oporem explicitamente ao governo do presidente interino. Além disso, pode-se entender que a tomada de poder por Michel Temer desencadeou uma série de medidas que podem gerar medo na população - por exemplo, direitos trabalhistas postos em cheque. Portanto, ao considerarmos a primeira acepção do verbo, notamos que as pessoas usam seus corpos para expressarem seu descontentamento com o governo vigente, ao mesmo tempo em que afirmam que medidas adotadas por esse governo não lhes vão impingir medo ou temor. Finalmente, em algumas aparições públicas, o presidente interino procurou apresentar um discurso que inspirasse confiança e respeito. Houve grande repercussão, por exemplo, a fala em que Michel Temer orientou as pessoas a não pensarem em crise, mas a trabalharem. Todavia, se levarmos em conta a segunda acepção do verbo exposta acima, as frases das camisetas carregam um sentido de subversão, desobediência, desrespeito e dissidência em relação ao governo interino.
- 15 De qualquer modo, essas frases não necessariamente indicavam apoio explícito ao governo da presidenta Dilma Rousseff, que vem recebendo diversas críticas de pessoas, grupos e partidos que se identificam com um posicionamento à esquerda no espectro político. Diz-se que Dilma Rousseff foi eleita defendendo um projeto político que pretendia trabalhar em prol da justiça social, contra as desigualdades e a favor dos direitos humanos. No entanto, em nome da “governabilidade”, Dilma Rousseff acabou por estabelecer alianças com partidos de centro e direita, traindo os votos daqueles que a apoiaram ao verem nela uma alternativa para o desenvolvimento e implementação de políticas inclinadas à esquerda. No próprio festival, havia uma pessoa com um adesivo colado na parte de trás de sua camiseta onde estava escrito “#Radicalizar a democracia”, que podemos interpretar como a ideia de que o sistema político brasileiro não dava conta das demandas da sociedade contemporânea.
- 16 Num dado momento, fui até a fila do caixa para comprar fichas e iniciei uma conversa com duas pessoas que estavam na minha frente, um homem e uma mulher que aparentavam ter entre 20 e 30 anos. Expliquei que um dos motivos pelos quais eu havia ido ao festival era para saber as opiniões das pessoas que ali estavam acerca da situação política atual no país. Eles disseram ser egressos do curso de graduação em Arquitetura (USP) e tinham intenção de participar do processo seletivo para iniciarem o programa de mestrado. Primeiramente, a mulher me disse que era importante estarmos em ocupações e manifestações que estão acontecendo para que nos posicionemos contra o governo interino de Michel Temer. Em seguida, o homem afirmou que a situação é complexa, uma vez que o governo de Dilma Rousseff carece de apoio de parte da esquerda brasileira, já que seu mandato foi marcado por alianças com centro e direita, e não por ruptura. Ainda,

ele disse perceber uma cisão da esquerda ao redor do mundo. Aqui no Brasil, exemplificou, disse haver uma cisão entre movimentos que se identificam com pautas de esquerda - como feministas, LGBT, sem teto - e, segundo ele, esses movimentos deveriam se unir para fazerem frente ao que está acontecendo.

- 17 Finalmente, integrantes das organizações e coletivos que formam a FIRI subiram ao palco e discursaram sobre a importância dos refugiados terem a própria voz na luta por direitos. Enquanto um deles apresentava sua fala, alguém na plateia puxou um coro que foi seguido por várias pessoas: “Fora Temer! Fica Dilma!”. Então, um dos integrantes da FIRI, Pitchou Luambo, advogado congolês e coordenador do GRIST, interrompeu o coro e retomou sua fala que apoiava a mobilização dos refugiados, sem fazer referência a Temer ou Dilma. Sua postura causou certo estranhamento entre parte da plateia, já que pode ter sido interpretada como não apoio ao governo da presidenta. Ou ainda, serviu para reforçar o caráter apartidário da Frente.
- 18 Após a fala de integrantes da FIRI, houve mais duas apresentações musicais, sendo que a última foi de BNegão, cantor e compositor carioca de rap, ex-membro do grupo Planet Hemp. Até o momento em que eu permaneci no festival, não houve mais nenhuma manifestação direta por parte dos artistas em relação à situação política atual em nível federal. Se houve, me escaparam. Depois de cerca de 20 minutos da apresentação do BNegão, que estava programada para ser a última do festival, deixei o evento.
- 19 Para concluir, em minha incursão pelo I Festival do Dia Internacional do Refugiado observei como os atores envolvidos em movimentos que lutam por direitos de pessoas em situação de refúgio articulam suas ações com a situação política atual no Brasil. Por um lado, percebe-se a importância de tais movimentos ganharem visibilidade para tentarem influenciar a votação de leis federais que trariam benefícios aos refugiados. Por outro, vemos que a FIRI procura se firmar como uma frente apartidária, sem mostrar apoio à presidenta Dilma Rousseff, tampouco explicitar descontentamento com o governo do presidente interino de Michel Temer. É interessante notar esse posicionamento, já que ele nos convida a perceber que o posicionamento dos diferentes cidadãos e movimentos enquanto atores políticos frente à situação política atual não pode ser resumido por uma frase de efeito, comumente ouvida em diversas manifestações, que reforça a polarização: “Fora Temer! Fica Dilma!”. Noutros termos, é necessário termos o cuidado de não nos deixarmos levar pela dicotomia “oposição à Temer/apoio à Dilma”, já que tal dicotomia pode dificultar a leitura da complexidade da situação que, por sua vez, daria pistas sobre novos modos de organização e posicionamentos políticos em emergência.

NOTES

1. Disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Docentes responsáveis: Dr. Silvana de Souza Nascimento e Dr. José Miguel Nieto Olivar.

2. Uma parcela significativa da população brasileira composta por cientistas políticos, acadêmicos, pesquisadores, professores e estudantes das mais diversas áreas, jornalistas, artistas, entre

outros, considera que o afastamento da presidenta Dilma Rousseff é um golpe de Estado em curso.

3. Excerto retirado do folheto que integrantes da FIRI estavam entregando durante o festival.

4. Idem.

5. Fonte: <http://www.acnur.org/t3/portugues/o-acnur/>

6. Lei número 6.815, de 19 de agosto de 1980.

7. Projeto de lei do Senado número 288, de 2013, que institui a Lei de Migração e regula entrada e estada de estrangeiros no Brasil.

8. Informações extraídas do blog do Ruivo Lopes: <http://ruivolopes.blogspot.com.br>

9. Significados retirados da versão online do dicionário Houaiss.

AUTHOR

RAFAEL LOMEU

Rafael Lomeu é bacharel em Ciências Sociais (2010) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mestre em Linguística (2015) pela Queen Mary, University of London.